

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 40 — VOL. III.

Sabbado 8 de Outubro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A inquisição em Portugal, conclusão — Vista do observatorio real, em Delhi, no Indústia — Erro sobre a litteratura ingleza, continuação — Tumulo do arcebispo Filippe de Heinsberg — Fragmento — O castello imperial de Petrovskol, proximo de Moscú — Reinado de D. Alfonso VI — O amor e o dever, continuação — Uma mania como qualquer outra.
GRAVURAS: — Tumulo do arcebispo Filippe de Heinsberg — Vista do observatorio real, em Delhi — O castello imperial de Petrovskol, proximo de Moscú.

Historia da actualidade.

Nas eleições supplementares a que se acaba de proceder, saíram reeleitos os ministros da fazenda, obras publicas, reino e marinha.

Acha-se em Lisboa uma nova companhia de opera hespanhola, na qual estão incorporados alguns actores da que no começo d'este anno trabalhava no theatro do Gymnasio. Dão as suas representações em D. Fernando.

Tambem no Porto trabalha actualmente outra companhia de zarzuela, e os jornaes fazem-lhe muitos elogios.

Saiu á luz no Porto o primeiro numero de um jornal litterario intitulado a *Primavera*, que é redigido por alguns typographos da dita cidade.

Em Braga suicidou-se com um tiro de pistola o abastado negociante Francisco José Pereira Braga, tendo previamente posto em ordem os seus negocios, e feito testamento. Ignora-se ainda o motivo que o induziu a este acto de desesperação.

A bibliotheca do Porto foi frequentada no anno que decorreu de Setembro do anno passado a Setembro do presente por tres mil cento e cinquenta e seis leitores, que consultaram quatro mil quinhetas noventa e quatro obras nas diferentes classes; e foi visitada por duzentos setenta e quatro homens e quarenta e nove senhoras.

Na mesma cidade já se deu começo ás obras da nova alfandega que ali se vae construir.

Nas aguas de Marrocos acham-se actualmente embarcações de todas as nações maritimas, menos da portugueza.

Diz-se que os marroquinos estão resoltos a combater tanto com os hespanhoes, como com os francezes, que na Argelia tem puxado grandes forças para a fronteira do imperio.

Teem embarcado em Inglaterra novas forças com destino á China, onde parece que vão principiar outra vez as hostilidades.

O general chinês que em Pei-ho dirigiu as hostilidades contra os plenipotenciarios europeus é um principe mogol, pessoa muito querida do imperador do celeste imperio.

Nos boletins que os chins publicaram d'esta acção, dão seiscentos soldados europeus mortos, e trinta officias, incluindo um de gradação superior.

Em consequencia dos acontecimentos das legações romanas, o governo de sua santidade mandou sair dos seus estados o embaixador da Sardenha, rompendo assim as relações com esta potencia.

Em Napoles tem-se procedido a prisões por se suspeitar a trama de uma conspiração.

Certifica-se que com muita brevidade será assignada a paz entre os dois imperadores de França e Austria.

As questões da Italia vão-se complicando a tal ponto, que se receia novamente o emprego das armas.

Descobriram-se em Florença alguns desenhos e manuscritos de Miguel Angelo.

Publicou-se em Florença um decreto mandando proceder á eleição de novas camaras na Toscana.

A lucta entre o alto clero toscano e o governo vae de dia para dia tomando mais graves proporções.

Chegou a Ceuta um commissario de Londres encarregado de estudar n'aquelle ponto a collocação de um fio electrico.

Dizem os jornaes estrangeiros que se trata de dar aos estados pontificios instituições parecidas com a constituição imperial de França.

Em Modena estabeleceu-se o matrimonio civil.

Acham-se reformadas já as nossas secretarias de estado, excepto a dos negocios da fazenda porque para esta não pediu o respectivo ministro autorisação ás côrtes, esperando-se contudo que apenas estas se abram lhe seja presente o plano de reforma do thesouro publico.

Em Florença arvoraram-se já as armas da casa de Saboia.

Diz-se que appareceram novas complicações ás conferencias de Zurich.

As noticias das Indias dizem que os chefes indigenas continuam illudindo a vigilancia dos inglezes.

Diz-se que o barão de Rothschild vae a Madrid para contratar o emprestimo que deve fazer face ás despesas da guerra com Marrocos.

Em Moroh, na India, sublevaram-se os presos de uma cadeia, e assassinaram a autoridade ingleza, apoderando-se da fortaleza.

As noticias de Constantinopola dizem que se

tem procedido na Turquia a immensas prisões em consequencia da conspiração que ahi se descobriu para assassinar o imperador.

Vae emprehender-se com grande actividade o caminho de ferro que deve ligar Nisa, Genova, Piza, e Florença.

Na republica mexicana é grande a anarchia, e a guerra civil que ahi rebentou ameaça prolongar-se.

Queixam-se os nossos jornaes da numerosa emigração de habitantes do districto de Vizeu para o imperio do Brazil.

A inquisição em Portugal.

(Apontamentos.)

Conclusão.

1572.

Auto celebrado na mesa do santo-officio em Lisboa, em 19 de Dezembro de 1572. — Saiu

Damião de Goes, o celebre escriptor, commendador da ordem de Christo, chronista-mór do reino, guarda-mór da torre do tombo, fidalgo da casa de el-rei D. João III.

Teve por sentença ser desterrado para o mosteiro da Batalha como consta da seguinte certidão, inserida no seu processo: «he verdade que Ruy fernandes veo aqui ha esta casa do mosteiro da batalha com damiam de gois he ha deixou nesta Casa entregue ha ho pria he padres: he por nos pedir esta certidão lhe damos por nós assinada hoje na batalha ha dezessis de dezembro — frei francisco pereira superior — frei antonio nogueira.

«Aos dezanove dias do mez de dezembro de mil quinhetos setenta e dous annos em Lisboa nos estáos na casa do despacho da sancta Inquisição estando ahy os senhores Inquisidores appresentou Ruy fernandes solicitador deste sancto officio a certidão acima de como entregara no mosteiro da Batalha a damiam de goes onde foi mandado levar por sua Alteza lhe deputer essa casa para cumprimento de sua penitencia. . . .»

Damião de Goes parece haver padecido muito durante a sua prisão no santo-officio, como se deprehende de uma sua exposição aos inquisidores em que diz: «eu estou tam mal disposto, e não de huma só doença senão de tres que são vertigens, rins e sarna quomo especie de lepra, que qualquer pessoa que me vir se for proximo se mo-

vera ha piedade, porque em meu corpo não ha cousa sam, tem-me vossas merces aqui preso ha ja dezeseis mezes com lho haver de minha livre vontade confessado nos erros em que sendo mancebo andei, e dicto como delles me tirei ha trinta e cinco a quarenta annos....»

Até ao principio do seculo xvii houve quatro perdões geraes concedidos aos christãos novos:

1.º Por bulla do papa Clemente vii em 7 de Abril de 1533.

2.º Por bulla do papa Paulo iii em 11 de Outubro de 1535.

3.º Por breve do papa Paulo iii de 11 de Maio de 1547. Publicado pelo doutor Antonio Pinheiro, pregador d'el-rei, na Sé de Lisboa aos 10 de Julho de 1548. Presentes o archbispo de Lisboa, o bispo d'Angra, cabido, clerezia e povo.

4.º Por breve de Clemente viii de 23 de Agosto de 1664 (ultimo perdão geral). Publicado na Sé de Lisboa em 16 de Janeiro de 1645, pregou o padre Luiz de Moraes da Companhia de Jesus.

Edicto de graça e perdão, concedido só por tres mezes pelo inquisidor geral D. Fernando Miz Mascarenhas em 10 de Setembro de 1627. Publicado na Sé de Lisboa a 19 do referido mez e anno. Pregou Antonio d'Abreu, jesuita.

1652.

Inquisidor geral, D. Francisco de Castro, bispo da Guarda. N'este auto leram-se as sentenças de onze reos, nove por sodomia, um por abjuração de leve, e outro por abjuração de vehemente.

O mais notavel reo era o conde de Villa Franca D. Rodrigo da Camara, capitão donatario da ilha de S. Miguel, gentil homem da camara d'el-rei D. Filipe iii, e do conselho de estado d'el-rei D. João iv, convicto, confesso, servente, devasso, agente e paciente. Foi condemnado a carcere perpetuo, mas parece que o santo-officio lhe perdoou depois e foi morrer ás ilhas no anno de 1672, com setenta e seis annos de idade.

A leitura da sentença assistiu o conde em corpo com uma vela na mão. Estavam presentes o marquez de Gouvea, o conde da Ericeira, Luiz Cesar de Menezes e Pedro Cesar seus parentes proximos.

Relação dos inquisidores-móres que houve em Portugal.

Cardeal infante D. Henrique, desde 3 de Julho de 1539 até 31 de Janeiro de 1580.

D. Jorge d'Almeida, desde 12 de Março de 1580 até 20 de Março de 1585.

Cardeal Alberto, desde 13 de Março de 1586 até fins de Fevereiro de 1593.

D. Antonio de Mattos de Noronha, desde 8 de Agosto de 1596 até quasi aos fins de 1600.

D. Jorge d'Almeida, pouco tempo.

D. Alexandre de Bragança, desde o 1.º de Outubro de 1602 até 20 d'Abril de 1603.

D. Pedro de Castilho, desde 1604 até ao anno de 1615.

D. Fernão Martins Mascarenhas, desde 15 de Dezembro de 1616 até 28 de Janeiro de 1628.

D. Francisco de Castro, desde 20 de Maio de 1630 até o 1.º de Janeiro de 1633.

D. Pedro de Lencastre, desde 24 de Dezembro de 1671 até 23 d'Abril de 1673.

D. Verissimo de Lencastre, desde 7 d'Abril de 1677 até 13 de Dezembro de 1692.

D. Frei José de Lencastre, desde 20 de Outubro de 1693 até 13 de Setembro de 1705.

D. Nuno da Cunha, desde 6 de Outubro de 1707, até 14 de Dezembro de 1750.

D. Jose, desde 24 de Setembro de 1758 ate 21 de Julho de 1760.

D. João Cosme da Cunha, desde fins do anno de 1765 até 29 de Janeiro de 1783.

D. Frei Ignacio de S. Caetano, desde Março de 1788 até 29 de Novembro do mesmo anno.

D. José Maria de Melto, desde 7 de Janeiro de 1791 até 9 de Janeiro de 1818.

D. J. Joaquim da Cunha, desde Junho de 1818 até a sua extincção.

Em Portugal pode suppor-se abolida a inquisição desde o reinado de D. José i. O ultimo auto

— de fé — aonde figurou o padre Malagrida, poz termo a esses espectaculos de ominosas recordações que durante seculos cobriram de luto o paiz.

LOPES DE MENDONÇA.

Vista do observatorio real, em Delhi, no Indostão.

Ja por vezes n'este semanario nos temos occupado do Indostão, e especialmente de Delhi. Agora, dando noticia d'um dos principaes edificios d'esta cidade, pouco acrescentaremos.

Delhi e a capital d'uma provincia do Indostão, que se estende ao norte d'Agra, desde o Ganges até ao rio Settedje até ás montanhas de Sewalik e Kurraun. O nome sanscrito de Delhi é *Indraprastha*, que quer dizer «residencia de Indra.» Banhada pelas aguas do Djemnah, esta cidade, ornada de grande numero de monumentos, continha em 1830 trezentos e vinte mil habitantes. E' dividida em duas partes, uma habitada pelos indigenas, e que se chama *Induania*; outra occupada pelos musulmanos, chamada *Mongolania*. Quatro palacios são os mais notaveis edificios de Delhi. Um d'elles, edificado na margem do rio, o *Daouri-Serai* ou palacio imperial, é de granito vermelho. No interior está ricamente adornado. Para fazer idea da grandezza de tal edificio bastara dizer que as cavaliçarias podem accomodar dez mil-cavillos.

Ha pouco mais d'um seculo, Delhi era das mais ricas cidades do Oriente. Em 1738 foi saqueada por Shah-Nadir, como já dissemos em outro artigo, e depois roubada muitas vezes pelos afghans e maratas. Os thesouros caidos em poder de Nadir n'aquella occasião foram avaliados em mais de mil milhões: entre outras maravilhas, havia um throno de ouro massivo carregado de pedraria, e estatuas de elephantes de ouro cinzelado.

Grandes ruinas cercam, em immensa distancia, a cidade moderna, attestando o antigo esplendor d'Indraprastha. Vêem-se ahi a *Kute-Mesjid* ou mesquita negra, para a edificação da qual serviu de modelo a Kêhabe; o tumulo de Houmayur; e a *Djemah-Mesjid*, o mais bello templo mahometano que existe na India.

De todas estas ruinas, as mais curiosas são as d'um observatorio astronomico construido em forma de esphera, com dois grandes circos tendo cada um setenta janellas. Este monumento de sciencia do Indostão foi fundado cerca de 1710 pelo rajá Jeising no reinado de Mohamed-Shah. Eis a narração original das circumstancias em que teve logar esta fundação.

«Seway-Jeising dedicara-se desde a mocidade ao estudo das sciencias mathematicas; o seu espirito applicara-se a resolver os mais difficeis problemas; e, com o auxilio do Supremo Autor de todas as coisas, chegara a obter profundos conhecimentos. Notou erros nas taboas astronomicas em uso no seu tempo; verificou que nem sempre indicavam exactamente as distancias, a posição relativa, e os movimentos dos astros; os seus dados, por exemplo, eram falsos sobre um ponto capital — as phases da lua. Ora, como gravissimos interesses, no que respeitava quer aos ritos da religião, quer a administração do imperio, estavam unidos ás observações d'estes phenomenos, Seway-Jeising dirigiu a Mohamed-Shah uma exposição, cujo principio é o seguinte:

«Sol da felicidade e do poder, esplendor da fronte da magnificencia imperial, perola sem rival do mar da soberania, estrella do ceo do imperio que resplandece com incomparavel brilho; tendo por estandarte o sol, por satellite a lua; cuja lança é Marte, a penna imita a Mercúrio, o cortejo egua a Venus em formosura, o liminar e o ceo, o selo Jupiter, a sentinella Saturno; imperador que descende d'uma longa geração de reis; Alexandre em dignidade; sombra de Deus; victorioso Mohamed-Shah, que possas ser sempre triumphante nas batalhas.»

«Seway-Jeising expunha em seguida, em linguagem menos figurada, muito sabias considerações sobre a conveniencia d'uma reforma astronomicas. O seu soberano respondeu-lhe com mais simplicidade:

«Pois que sois instruido nos mysterios da sciencia, visto que tendes perfeito conhecimento do assumpto, depois de ter reunido os astrónomos e os geometras da crenga d'Islam, os brames, os pundits, e os astrónomos da Europa, e ter preparado todos os instrumentos necessarios a um observatorio, trabalhai de maneira a fixar com certeza as regras sobre os tempos em que devem «acontecer os phenomenos de que se trata.»

«Era pesada tarefa» nota Jeising; «mas tendo cingido a sua alma com o cinto da resolução» concebeu o plano e dirigiu a execução do gigante trabalho, cujas reliquias a nossa estampa representa. Empregou, desde o principio, o bronze em certas partes do observatorio. Depressa, porém, a experiencia lhe mostrou que esta materia era muito sensível á acção do calor, e não podia, por outra parte, ser empregada senão com muita parcimonia; resolveu portanto não fazer uso senão da pedra e cal. Quando estes trabalhos se concluíram; quando os seus primeiros calculos foram confirmados por grande numero de observações, Jeising conseguiu a construcção d'outros observatorios em Sewi-Jeypur, Madras, Benarés e Ougein. Finalmente, tendo obtido completa certeza, fez novas taboas, e submetten-as á approvação do imperador, que as revestiu do caracter d'autoridade necessaria para serem adoptadas. Os almanachs de Delhi são ainda actualmente redigidos em conformidade com estas taboas.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

THOMAZ LODGE.

Nasceu em 1556 em Lincolnshire. A linhagem dos antecessores do poeta sabe-se que era nobre. A' idade de dezete annos entrou para o collegio da Trindade, Oxford. Pouco tempo aqui permaneceu pois dando largas as satyras dirigidas a seus superiores, desgostou-os a tal ponto que saiu de Oxford sem as honras e graus de que era digno lhe fossem conferidas. Parece que em 1582 entrara no paleo afim de procurar o meio de subsistencia. De novo em 1584 entrou como estudante em Lincoln's Inn, escrevendo aqui o *Alarme contra os usurarios*.

Depennado por esta classe de gente, hoje conhecidos por agiotas, o grau mais inimico da sociedade, que enriquecem por a inexperiencia da mocidade, e que talvez com elles o poeta tivesse barateado por algum misero deleite o producto que revertesse d'algum de seus trabalhos, é provavel que fosse este o incentivo e o unico meio ao seu alcance para fustigar o desalçado que com mão descarnada, que desconhece outro tacto que o do ouro, enferrolha apressado o ganho do ultimo trafico, feito á sombra da hypocresia e espezterza mofando depois em tom ironico da desesperação alheia.

Lodge afinal enfatiado da parca recompensa que lhe ministravam as musas tentou passar a novo horizonte onde lhe raiaisse maior fortuna. Embarcou-se com o capitão Clarke para a ilha Terceira e Canarias; procedendo depois com Cavendish para o estreito de Magalhães.

No intervallo que corre da partida do poeta até á sua morte em 1624 ou 1625 é difficil determinar os successos que lh'occorreram. Nasce este embaraço em que nos achamos, da controversia que existe entre varios autores. Apontam uns que Lodge fóra medico, e que saindo da universidade destituido de uma posição na sociedade a procurar a formandose em medicina em Avignon. Outros definem a sua entidade, e os cargos de poeta e medico como existentes em dois caracteres diferentes. O ponto sobre o qual muitos se fundam e que tem fornecido assumpto a esta questão foi a publicação em 1603 de um folheto intitulado *Tratado sobre a peste por o doutor Thomaz Lodge*, e em que o autor diz no prefacio que nascera e fóra creado na cidade de Londres; asserção contraria á que acima apontamos. Mas quem sabe se algum motivo o obrigara a occultar o logar natalicio, ou se o tal pamphleto não fosse escripto por algum physico chamado Lodge, independente do poeta?

Resulta uns biographos dizerem que Lodge fóra physico, o que não deixa de ter fundamento pela razão que dissemos da formatura em Avignon, e outros negarem-o. Concordam os autores em tudo excepto n'este ponto. Nós não nos propomos a tratar o objecto como questão, siga cada qual a idéa que melhor lhe parecer.

Escreveu o seguinte: *Margarite of America* (Margarida d'America) publicada em 1596 e escripta durante a primeira viagem.

A *Fig for Momus* (Um figo para Momo) publicada em 1596. Consta de uma collecção de satyras, eglogas, etc.

Wit's Misery and the World's madness (A miseria da graça e a loucura do mundo).

Rosalynde, Euphues's Golden legend found after his death in his cell at Silixedra (Rosalinda, o legado d'ouro d'Euphues, encontrado depois da sua morte na sua cella em Silixedra) publicada em 1590.

A *Defence of Stage plany, in three divisions: Defence of Poetry, Defence of Music, Defence of Plays* (Defesa das peças theatraes em tres divisões: defesa da poesia, def. sa da musica, defesa das peças) 1580.

An alarim against usurers, containing tryed experiences against worldly abuses etc. Hereunto are annexed the delectable historie of Forbonius and Prisceria; with the lamentable truth over England (Alarime contra usurarios, contendo experiencias usadas contra abusos mundanos, etc. Ao que lhe está annexo a historia delectavel de Forbonius e Prisceria: com a queixa lamentavel da verdade sobre Inglaterra). 1584.

Scilla's metamorphosis; interlaced with the unfortunate love of Glaucus. Whereunto is annexed the delectable discourse of the discontented Satyre (As metamorphoses de Scilla; entrelaçadas com o amor infeliz de Glaucus. Ao que está annexo o discurso da satyra descontente). 1589.

Catharos: Diogenes in his Singularity etc., christened by him a nettle for nice noses (Catharos: Diogenes nas suas singularidades etc., christado por elle, Uma ortiga para bellos narizes). 1591.

Euphues's Shadow (a sombra d'Euphues). 1592.

The life and Death of William Longbeard, the most famous an1 wittie English traitor, borne in the citie of London, accompanied with many other most pleasant and prettie histories (A vida e morte de Guilherme Barbalonga, o mais famoso e engraçado traidor inglez, nascido na cidade de Londres, acompanhada de muitas outras lindas e varias histor as). 1592.

Phillis; honoured with Pastoral Sonnets, Elegies and amorous Delights. Whereunto is annexed the tragycall complaint of Elestred (Phillis; honrado com sonetos pastoris, eglogas e delictes amourosos. Ao que está annexo o queixume tragico de Elestred) 1593.

The wounds of civil war, lively set forth in the two Tragedies of Marius and Scilla etc. (As feridas da guerra civil, vivamente apresentadas nas duas tragedias de Marius e Scilla, etc.) Tragedia, 1594.

A *Looking glass for London and England* (Um espelho para Londres e Inglaterra) Tragi-comedia. O assumpto é extrahido da biblia da vida de Jonatas e os Nivevezes. Tomou parte com o autor Robert Greene.

The devil conjured (O diabo conjurado) 1596

Attribue-se-lhe igualmente uma traducção de Josephus, 1609 e de L. A. Seneca, 1614.

Continua. F. E. PAYANT.

Tumulo do arcebispo Philippe de Heinsberg.

O tumulo do arcebispo Philippe de Heinsberg, na cathedral de Colonia, differo inteiramente, pela forma, dos outros monumentos do mesmo genero levantados aos arcebispos. Representa uma cidade cercada de muralhas munidas de torres, de portas, ameias e setteiras; sobre ambas as faces estão collocadas as armas da casa de Heinsberg e as da cidade de Colonia.

No espaço superior, que é ornado de um quadro concavo no antigo estylo alemão, a imagem do

arcebispo, executada em pedra de cantaria como todo o tumulo, repousa sobre um coxim, e sustenta um livro na mão esquerda. O rosto, a mão, as roupas, o coxim e o fundo são coloridos; e, á excepção da mão direita, que a malvadez destruiu, o todo está em bom estado de conservação, exceptuando as primitivas côrtes que o tempo tem alterado. Duas cavilhas de ferro que ali se vêem fazem comtudo suppor que este monumento foi talvez rematado por dois anjos de bronze. Por sobre a cabeça está gravado na pedra o nome de *Philippus ab Heinsberg*. Ignora-se a epoca da construcção d'este tumulo; pode-se, porém, presumir que fosse feito no tempo do governo de Philippe: o seu feyto, representando uma cidade, e symbolo do poder temporal do arcebispo.

Fragmento.

No album de uma senhora para o qual me pediram versos, praguejando contra essa casta de livros, tormento d'aquelles que lêem e inferno dos que escrevem, dizia eu que teria indeferido ao peditorio, se o album não fosse de uma dama, por que em quanto a mim, essas paginas reservadas a memorias, pertencem unicamente ás senhoras, e por excepção da regra, só se devem admitir aos homens de letras. Para estes, o album é a caixa das despedidas dos amigos que se ausentam, o papel de musica onde o cantor distincto escreve duas notas em lembrança, onde o artista de merito gravava o seu retrato a lapis em recordação, onde o poeta querido diz o adeus lamentoso ao abandonar a patria despojado das illusões doiradas que nutriu, para ir longe d'ella sentir saudades de quanto amou, compellido pelas necessidades da vida material. Finalmente ainda as paginas do album dos homens de letras, estão reservadas por cumulo de seus destinos a bastidores de bordado, onde as namoradas a fio d'ouro, escrevem com a penna da agulha o seu nome, no centro de uma grinalda de rosas de retroz, a que o sexo entendedor dá o nome de matiz.

O album da senhora porém, é diverso e especial; não ha poeta que não sinta tremer-lhe a mão ao traçar as linhas da primeira estrophe n'aquellas folhas brancas e polidas que uns dedos seductores hão de folhear.

E o assumpto... a escolha do assumpto é delicada... é difficil! Se o poeta é melancolico, he preciso saber chorar para que as suas endechas não sirvam de enfado a leitora; se é alegre, deve rir de maneira que não offenda os susceptiveis melindres da possuidora do livro. Ainda assim, temos um grande inconveniente; é que a mulher um dia está triste como um cemiterio no inverno, e outro, alegre como um jardim na primavera! No primeiro caso, os poetas lacrimosos são agradaveis, e os que riem passam por tolos; no segundo, os que murmuram em tom plangente são uns sensaborões que atormentam a paciencia com as suas lamurias, e os que divertem, são de uma graça, de um espirito que encantam!

Entendam lá a mulher! Já ouvi dizer que é o ente mais incrível, e creio! No entanto, o melhor julgo que é adoptar o termo medio. Inda assim, pode isto ser indifferente, e a indifferença da mulher equivale a andar excomungado pelo papa.

Felizmente, graças á diversidade dos poetas, um album tem obra de todo o genero.

Pela manhã, ao passear a agua ferrea no jardim, o album é o unico criado grave que acompanhava a dama.

N'aquellas paginas ella recreia o espirito e dilata a alma em considerações vehementes que lhe incendeiam as idéas, e abrasam o coração estremeado pelas primeiras impressões do amor.

Em cada folha uma flor! em cada flor um encanto! em cada encanto uma seducção!

Infeliz poeta o que se afasta d'aqui, para vociferar, para cobrir de anatemas a primeira mulher que sorriu desdenhosa á sua tremula e balbuciante confissão. Pode isto agradar a uma outra mulher, poetas que vos achais feridos no orgulho, porque indiscretos fostes dizer ao ouvido de um anjo, segredos que o seu olhar não tinha autori-

sado a contar? Calae-vos loucos e imprudentes blasphemadores!

Podeis com suaves melodias encantar um coração que vos escute, que substitua aquelle que vos fugiu de ouvir, e preferis aterrar com maldições e sarcasmos os que poderiam vir suavisar a dôr que vos atormentou a alma?!

Poetas, cantae com meiga doçura os proprios pezares que vos pungirem, que é essa a vossa missão.

Não escrevaeis nunca no album de uma donzella sem ter a penna bem aparada, bem tranquilla a consciencia, e bem ardente o coração. Que vos pese um grande escrupulo, para que não planteis uma flor silvestre no meio de um jardim onde vicejam outras lindas, mimosas e virentes.

Das tristes ás mais alegres, escolhei uma d'estas, e se vos visseis como eu me vi uma noite, cantae a todas como eu por necessidade tive de fazer.

Comecei pela saudade que os leitores viram de certo no numero 31 d'este jornal, e cuja historia por ter muito a contar, eu passo a descrever.

Era a noite de um baile, a um quarto de legua da cidade, n'uma espaçosa sala perfeitamente illuminada, guarnecida caprichosamente de flores, não só das que estão nos vasos, mas de umas outras flores de tão incrível flexibilidade, de tão distincta graça, de um mimo tão delicado, que se não explica. Ora voluptuosas se agitam em suaves ondulações, ora immoveis em todo o vigor do seu brilhante matiz, atraheam e seduzem!

Era uma noite de prazer, era uma noite de encanto e delirio!

Os olhos perdiam-se deslumbrados n'aquelle ambiente em que se reflectiam tamanhas alegrias e tão viva formosura!

Ora se fitavam uns olhos de verde e transparente esmeralda, ou côr do mar quando está tranquillo e sereno debaixo de um ceo azul, mostrando com toda a suavidade de um brilho invisivel, o seu condão impressionativo e magnetico. Mysteriosos como a natureza, impenetraveis como ella, grande será o tormento de quem se abrasar por elles! O verde é esperanza, e promette, mas se aquelle verde illude, pobre de quem fiar n'esses olhos o amor que os inconstantes accendem n'alma! Não queira ninguém vê-los irados, que á similhaça das vagas que se encapellam e espumam, as suas pupilas fuzilando raios esbranquecidos, parecem terri-veis como as ondas ameaçadoras no meio do oceano! Procurae sempre vê-los serios, que assim podem-se amar! ou antes, preferi vê-los humidos de lagrimas, n'aquella expressão adoravel que embriaga e faz enlouquecer!

E que bem dizia aquelle rosto de uma alvura infinita, os cabellos castanhos e sedosos que o mel- duravam!

E que lindos eram tambem outros olhos, proximos d'estes, mas pretos e aveludados, brilhando com todo o poder electrico de meiga luz que inflamma as pupilas, e cujos reflexos passando atravez de compridas pestanas, illuminam umas faces pallidas, mas não d'aquella fria pallidez do marmore, mas um quasi trigueiras, atraindo para a côr do ambar, e que mais deixa sobressair a negrura dos cabellos ondedos, e lustrosos como fios de setim!

E defronte d'estes, parecendo disputarem-se como rivaes, ainda uns olhos azues, d'um azul do ceo do outono, de uma sensação tão provocadora e invencivel que a claridade do brilho que os animava parecia accender-lhes o ardor da paixão, e era impossivel fital-os sem sentir o effeito d'aquella chama que morria reflectindo-se pelas faces d'uma purpura desvanecida, que se esbatia n'uma côr de rosa tibia, e ia perder-se n'uma alvura deslumbradora, como servindo de margem aos alourados cabellos que se apartavam graciosamente, e despediam faiscas d'ouro á similhaça do sol!

Ha flores muito lindas, certamente, mas como as d'aquella especie ainda não vi outras.

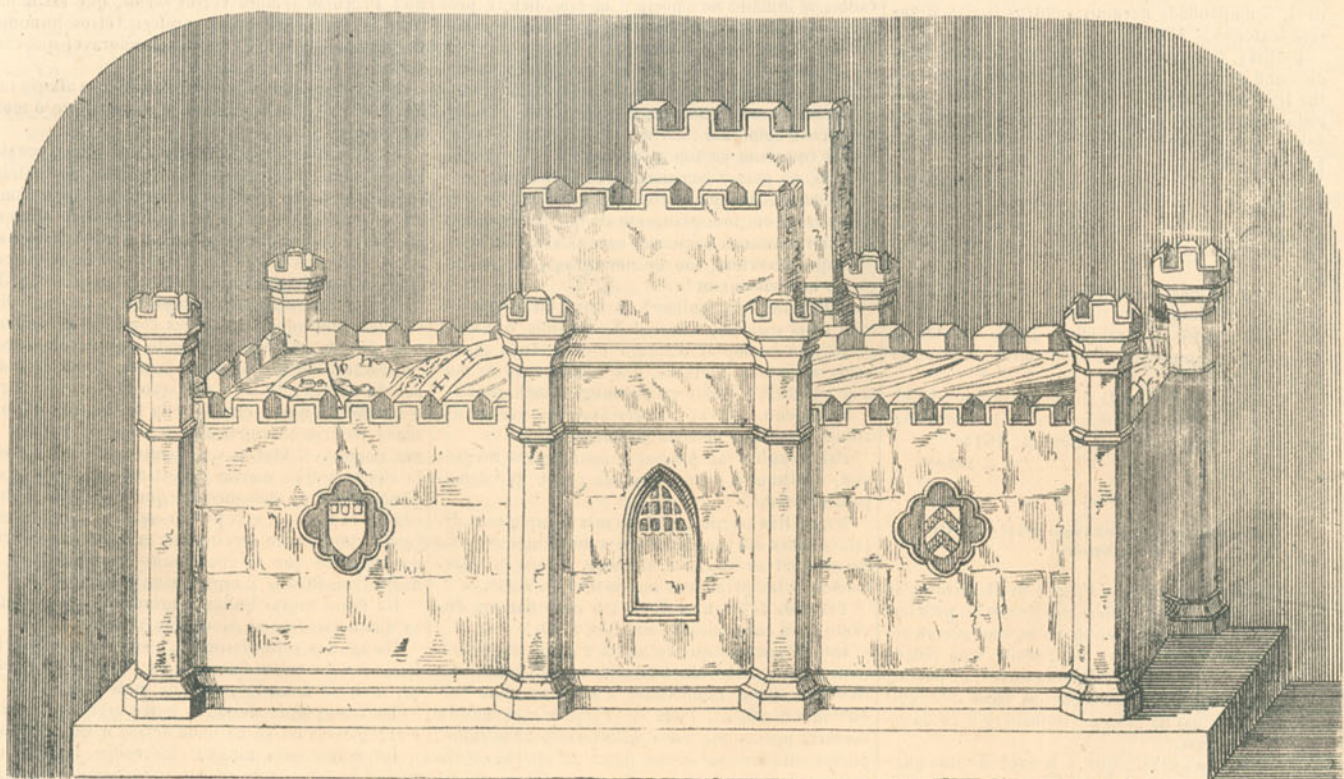
Ha muitas e lindissimas... sei! mas mais perfeitas e mais animadas, não ha; nem de mais graça, nem de mais luz, nem de mais seducção!

Tocara-se uma walsa, os pares estavam na sala e arremessavam-se na onda aerios e vertiginosos.

Inspirado pela musica, lancei-me tambem no turbilhão; era enthusiasmo ao principio, era fogo



Vista do observatorio real em Delhi no Indostão.



Túmulo do Arcebispo Filipe de Heinsberg.



Castello imperial de Petrovskoi, proximo de Moscou.

depois, era delirio a final! Com tremulo braço ligeiramente enlaçado a uma cintura breve como a de um sylpho, e a mão apertando uma outra mão tão pequena como a de uma fada, deitei-me no tumulto agitado, onde os sentidos se perdiam para só ouvir as harmonias, e ver só a encantada visão que abraçava.

Continua.

FRANCISCO SERRA.

O castello imperial de Petrovskoi, proximo de Moscovo.

Não foi sem profundo despeito que Moscovo, a cidade santa, o palladio da Russia, se viu desamparada dos seus soberanos, com a transferencia da corte para S. Petersburgo. Desde o dia em que Pedro o Grande fixou a sua residencia nas margens do Neva, os habitantes de Moscovo não tem cessado de recordar, com amargas queixas, os seus antigos titulos á affeição dos czares. Attribuiram ao receio o que não era mais que uma consequencia da nova posição dos imperadores: «Nenhum d'elles, dizem muitas vezes aquelles seus subditos, ousa permanecer entre nós, porque tem mais confiança nos seus vassallos de S. Petersburgo.» Talvez que este signal de desconfiança não seja de todo infundado, porque se diz que Catharina II chamava a Moscovo «a sua pequena orgulhosa republica.» Seja qual for o motivo, foi ella que, em 1770, fez construir ás portas de Moscovo o castello de Petrovskoi, onde residia quando vinha visitar esta parte dos seus estados. Alguns viajantes, confundindo-o com outro castello situado igualmente nas visinhanças da cidade, tem erradamente attribuido a construção d'este a Pedro o Grande.

O edificio está situado a pouca distancia da porta de Tver, na grande estrada de S. Petersburgo, á direita. Compõe-se de duas partes distinctas — o corpo principal, sobrepujado por um largo zimbório pouco elevado, e guarnecido de quatorze janelas; e outro corpo em semi-circulo que corre ao redor do primeiro. Na parte circular está a entrada do castello, ornada de duas torres coroadas de pequenos zimbórios. Duas eguaes torres se erguem no lugar onde termina esta porção arredondada do edificio. Finalmente, á direita e esquerda, duas outras torres muito maiores unem o resto das construcções d'esta mesma parte do palacio. Estas torres, polygonaes na base, são circulares na parte superior, e as ultimas quatro terminam em terçados ameaçados. Todo o edificio é construido de tijolo, e affecta as formas da architectura a que indevidamente se tem chamado gothica, por causa do emprego da ogiva em todas as aberturas, mas que não é mais que a mistura das formas arabes e byzantinas, mistura que apparece na maior parte dos monumentos da antiga Russia. Estes campanarios, estas torres, estes zimbórios, estes denlilhões, estas ameias produzem effeito singularmente pittoresco e gracioso, que dá ao todo de Petrovskoi certa apparencia de grandeza e magnificencia. Os jardins, que se estendem por detraz do castello, são separados do edificio por uma rua de bellas arvores. No verão os arredores são agradaveis.

Tal é o palacio de Petrovskoi, onde Napoleão residiu durante o grande incendio de Moscovo, nos dias 17, 18, 19, e 20 de Setembro de 1812. Hoje é ainda ali que descansam os imperadores da Russia antes de fazerem a sua entrada solemne na segunda capital do imperio.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMELHOR.

O estado da corte de Portugal era de dia para dia mais agitado e incerto. Estavam em fins de Agosto 1667. O secretario d'estado Antonio de Sousa de Macedo acabava de ser interdito no seu cargo e mandado recolher a sua casa de campo, (a despeito do partido que por elle tomava o conde de Castelmelhor) por ter faltado ao respeito á rainha,

que se queixara d'isso ao rei, que promettera espontaneamente demittir-o, o que porventura tivera feito, se o deixassem obrar por si. O caso teria talvez sido de pouca consequencia se o secretario não tivesse escripto uma memoria para se justificar, e onde a rainha encontrou novos motivos de indignação. Castelmelhor desviando o rei da primeira resolução, e excitando o secretario a escrever a memoria, chocara o amor proprio da rainha, obrigando-a a pedir com mais insistencia um desaggravo. A sua firmeza e o clamor da nobreza e do povo do seu partido, que ia crescendo todos os dias, obrigou o conde a ceder, submettendo a questão ao conselho d'estado.

No 1.º de Setembro de manhã teve o secretario ordem para se retirar.

No dia 2, depois das quatro horas da manhã, com o fundamento de que o infante projectava uma conjuração, em que devia sacrificar a vida de Castelmelhor, chamou este os parentes, os amigos, e os valentes do rei, e dobrou as guardas do palacio. A' noite, lá pelas dez horas, escreveu o infante ao rei seu irmão uma carta notavel, queixando-se que a insolencia do conde, depois de chegar a tramar contra a sua vida, dobrara as guardas do paço como se elle príncipe tivesse resolvido violar o respeito de tal logar. Pedia que o conde fosse despedido dos negocios, e castigado, para que elle infante se não visse obrigado a procurar segurança em reinos estrangeiros.

A carta era concebida n'estes termos:

«Senhor. — Com grande sentimento meu, prostrado aos pés de vossa magestade a quem venero como meu rei e senhor, e respeito com o amor de irmão, me obriga a exorbitancia do conde de Castelmelhor a dizer a v. m. que havendo elle esgotado todos aquelles meios que a sua malicia escogitou em damno da minha vida, como me constou por ministros de toda a autoridade e zelo, e a minha cautela e prevenção evitou; passou agora sua insolencia a armar o proprio paço de v. m. com o persuadir que eu intentava violar o sagrado d'elle, podendo inferir-se bem dos antecedentes, que o seu intento seria atrever-se-me: espero eu da justiça de v. m. que por este atrevimento execute um tal castigo, apartando de si este vassallo, que me não ponha em necessidade de buscar reinos estranhos em que passe a vida, como me será forçoso, em caso que não experimente em v. m. n'esta occasião aquelle amor que sempre soube e saberei merecer a v. m. em toda a parte; cuja real pessoa guarde Deus como desejo e hei mister. Escripta em Lisboa a 2 de Setembro 1667. — O Infante.»

Ao mesmo tempo escrevia á rainha est'outra:

«Senhora. — Chegou a insolencia do conde de Castelmelhor a armar o paço d'el-rei meu senhor contra a minha pessoa, com cuja noticia recorro a s. m. pelo meio deste papel, de que envio a v. m. a copia, para que v. m. n'elle veja o justificado da minha queixa, e lhe dê aquella autoridade que elle merece, para que s. m. não falte aquella demonstração que o caso pede. Deus guarde a v. m. largos e felizes annos. Corte real 2 de Setembro 1667. Bom irmão de v. m. — O Infante.»

Grande foi o alarme no paço. depois de vistas estas cartas, e logo em continente se convocou o conselho, a que o rei assistiu em pessoa mais a rainha. Estiveram n'elle o duque de Cadaval, que havia poucos dias viera do exilio, e o marquez de Cascaes, que não comparecia quasi nunca. Leu-se a carta do infante, e o rei declarou que fôra elle e não o conde quem mandara dobrar as guardas, pelo aviso que tivera de algumas commoções populares. Concordou-se que se desse d'isto conhecimento ao infante, para justificação do conde; e que, se havia provas de que elle tentasse contra a sua pessoa, seria castigado como o caso o merecia. O marquez de Sande entreteve a rainha mais de uma hora, antes e depois do conselho, para a persuadir a proteger e declarar-se abertamente pelo conde; mas não conseguiu que ella se compromettesse a coisa alguma.

Na manhã do dia 3 foi o marquez de Marialva da parte do rei communicar ao infante o em que se tinha assentado; e desejando o infante ter a communicação por escripto, n'outro conselho, que se celebrou ao meio dia, tambem na presença do rei e da rainha, se ordenou que se lhe desse como pedia.

O escripto que o marquez de Marialva entregou

ao infante, conforme ao que lhe dissera de viva voz era como segue:

«S. m., que Deus guarde, me mandou dizer a sua alteza, que as guardas que se dobraram no paço a noite do 1.º e 2.º do corrente fôra com ordem de s. m., porque das onze para a meia noite tivera aviso por um religioso, que o povo se queria amotinar; e lembrado s. m. do motim passado, que com pouco respeito se atiraram algumas pedradas ás janelas do paço, quiz s. m. prevenir successo semelhante, que podia acontecer, e esta foi a razão d'este movimento, e não a que s. a. refere no seu papel, por que se assim fôra e procedera a ordem do conde de Castelmelhor contra o decoro que se deve a s. a., s. m. o matara por sua propria mão, porque o amor que s. m. tem a s. a. e o muito que o deseja contentar em tudo, pede toda a demonstração, porque o ama não só como irmão mas como filho, e que só um descuido houvera em se não fazer aviso a s. a. para que se viesse achar presente no paço, que se desculpa com ser fora de hora e com a pressa.

«Disse mais s. m. que, como de mi, entendesse de s. a. se se agradaria que o conde de Castelmelhor fosse a seus pés a beijar-lhe a mão? A todo referido respondeu s. a. que humildemente beijava a mão a s. m. pela honra e mercê que lhe fazia, e que pessoa que entrava na camara de s. m. lhe fôra dar aviso ás onze da noite, estando deitado na cama, que no paço se dobravam as guardas, e que no terceiro se juntava cavallaria, tudo com ordem do conde de Castelmelhor para resistir a s. a. que queria entrar no paço contra o respeito e decoro que se deve a s. m., sendo que do descuido com que estava, e da veneração com que trata o logar em que ss. mm. assistem, se deixa bem ver a falsidade em a tenção com que se lhe levantou tamanho testemunho; e porque é publico, e d'aqui procede a nota de traição, espera da grande justiça que s. m. se sirva de mandar fazer alguma demonstração, para que em parte fique satisfeito de tamanho pezar e desgosto.

«Segunda vez me mandou s. m. a dizer a s. a. que lhe tornava a mandar dizer o mesmo, que esperava ficasse satisfeito s. a. com esta segunda satisfação, para que tudo se accommodasse, e s. a. viesse a vê-lo, que o desejava muito: s. a. me disse em primeiro logar, que tornasse a beijar a mão a s. m. por tamanha honra, que nenhuma outra coisa queria mais que estar aos pés de s. m., mas que lhe desse por escripto tudo o que lhe havia referido, a que respondi que não trazia ordem, mas que daria conta a s. m. como fiz.

«Isto que fica referido é o que o marquez dictou do que passou com s. a. e do assento que d'isso se fez, que fica em meu poder, passei a presente em Lisboa a 3 de setembro de 1667. — Antonio Cavide.»

No mesmo dia 3 escreveu o infante ao rei segunda carta, ou recado, do teor seguinte:

«Sem embargo, que no papel que o marquez de Marialva ultimamente me trouxe, ache no meu recado algumas cousas de mais, e no ultimo que veio por escripto muita differença do que se me havia dado em voz, sejam d'esta ou d'aquella maneira os que s. m. foi servido mandar-me, digo prostrado a seus pés, com a humildade que devo, que ainda que as evidencias testemunham o que na minha carta representei, tocante ás armas que no paço se introduziram, como s. m. me afirma que foi com ordem sua a differente respeito, não posso deixar de crer o que s. m. me diz, e ficar n'esta parte inteiramente satisfeito; mas não poderei nunca perder o sentimento, ainda que a queixa se acabe, que se chamassem para segurar a pessoa de s. m. os confidentes do conde de Castelmelhor, armados com armas publicas, e não lembrasse a minha pessoa, que por toda a razão devia ser a primeira, sendo para s. m. a de maior confiança, segurança, e fidelidade: mas no tocante á outra parte, que a minha carta continha, não posso ficar satisfeito lembrando-me, que por uma suspeita que o conde teve de que se machinava contra elle mandou s. m. tirar exactas devassas pelos ministros de maior nome e julgal-as por desembargadores de maior nota, juntos para isso em muitos dias, entendendo que na pessoa de seu ministro estava offendida a magestade, e não houve cousa que se não assolasse, destruisse, e aniquilasse a menor queixa, e a mais

leve suspeita do conde: e assim deve s. m. e os conselheiros d'estado entrar em consideração se e razão, se é justiça fazer pela minha não-leve queixa aquella demonstração que s. m. mandou fazer por um vassallo que não era mais que ministro, e haver tanta differença nos casos e nas pessoas, me satisfarei com que s. m. use com a minha pessoa agora, o que então a respeito do conde de Castel-melhor, mandando devassar de seu procedimento; e como isto se não possa obrar estando elle na côrte e no lugar que occupa, necessariamente o deve s. m. depôr, e mandar fora d'ella com toda a segurança de sua pessoa e familia, que eu não intento offender, e só que s. m. use da justiça como rei e senhor a quem Deus poz no throno de Portugal para a administrar com egualdade a pequenos e grandes: e porque me acho obrigado a salvar a vida, ainda como particular, e attentar por ella pelo bem publico, so a devo arriscar para salvar a de s. m. pois esta é a obrigação de vassallo e de irmão, e assim não posso sem nota ainda de s. m., descançando-o muito, ir lançar-me a seus pes, e beijar-lhe a mão, sem ver primeiro, que é mais poderoso com s. m. o sangue d'um irmão seu vassallo, do que a attenção de um vassallo ministro. — 3 de setembro 1667.^o

Na tarde do mesmo dia 3 o conde mandou chamar o padre reitor do noviciado dos jesuitas, confessor do príncipe, amigo e confidante intimo do conde da Torre, e hospede do padre de Villes, confessor da rainha. Entreteve-o duas horas para o obrigar a prometter trabalhar na pacificação do príncipe; mas não pôde obtel-a antes que se lhe desse promessa por escripto de satisfazerem as exigencias do príncipe, sem o que não podia entrar n'este negocio. Encolerisou-se o conde, e testemunhou grande desconfiança do reitor. Na saída foi este abordado por Henrique Henriques que o aca-riciou muito e pediu lhe obtivesse uma audiencia do príncipe, promettendo que abandonaria o conde.

A' noite, a occultas, houve effectivamente essa audiencia. Henrique Henriques disse ao infante, que era preciso que o conde saísse, e elle tambem, mas pedia tempo para o fazerem. Não obteve porém o menor favor, e no dia seguinte 4, mandou procurar o reitor para lhe dizer, que visto quererem perder tudo, elles se defenderiam bem, e haveria sangue derramado.

Continua. JOSÉ DE TORRES.

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SEBRA.

Continuação

SCENA XII.

ADELAIDE, só, depois JULIO DE MENEZES.

ADELAIDE — Parece querer recordar-se de mim; se vem a saber que sou a mesma que ha dois annos serviu por duas semanas em sua casa, estou perdida, porque irá dizer... E é a seu proprio filho que eu devo... oh! não pode, não deve ter animo de comprometter aquella que já perdeu e desgraçou! Seria abusar muito de uma pobre mulher. Tudo me afflige, e em cada palavra cuida ouvir uma affronta que me dirigem; cada pessoa que chega, penso que me conhece, e que vem descobrir o meu opprobrio.

JULIO (que tem entrado) — Estava aqui?! Fugiu-lhe a sua amiga?

ADELAIDE (perturbada) — Não... Margarida está com seu marido.

JULIO (á parte) — Aquella barreira sempre!

ADELAIDE (á parte) — Quero eu mesma ouvir de seus labios o amor que lhe tem.

JULIO — A sua amiga parece adorar extremosamente seu esposo... nem um instante se desvia d'elle.

ADELAIDE — Senhor Julio, não seja injusto, não tem direito de o fazer.

JULIO — Não a comprehendo!

ADELAIDE — Vou explicar-me. (Julio vai condu-

zir-la ao banco onde ella toma lugar, e elle a escuta de pé) Aquelle ramalhete de flores que offereceu a Margarida encerrava uma carta, e essa carta era escripta pelo senhor.

JULIO — Margarida disse-lhe?...?

ADELAIDE — Margarida não me disse nada. Encontrei aqui o seu ramo, e o acaso fez com que achasse o seu bilhete.

JULIO — Se ainda está em seu poder, peço-lhe que m'o entregue, porque ha n'elle um compromisso.

ADELAIDE — Esse papel está nas mãos da minha amiga; nada receio... bem vê que o salvei...

JULIO — Então sabe tudo?

ADELAIDE — Sei... desejo porém que me diga se essa affeição é pura, verdadeira e desinteressada, ou se não passa de um capricho de vaidade.

JULIO — Amo-a com todo o ardor do coração.

ADELAIDE — Deve lembrar-se que Margarida é uma senhora casada, e que o seu amor...

JULIO — Fallou-lhe de mim, disse-lhe que me aborrecia?!

ADELAIDE — Ama-o tambem, ama-o com extremo, mas respeita o que deve a si, a seu marido, e á sociedade. A luta porém é difficil, e cumpre que o senhor a auxilie.

JULIO — Que devo então fazer?

ADELAIDE — Esquecel-a, e partir!

JULIO — Oh! não! isso nunca! Deixal-a... esquecel-a... quando a cada instante a sua imagem me apparece em toda a parte?! Por entre a ramagem das arvores, nas aguas que ahi correm, no meio das flores que nos cercam?... Oh! não! sinto que não posso.

ADELAIDE — Se não pode esquecel-a, pode evitar uma catastrophe e um remorso. Appello para a sua lealdade, e com ella conto.

JULIO — Conta bem! Heide saber sacrificar-me! Mas não tenho animo de me separar d'ella. Peço-lhe de joelhos... (Curva-se diante de Adelaide).

SCENA XIII.

OS MESMOS, JOÃO DE CASTRO E MARGARIDA.

JOÃO DE CASTRO (a sua mulher) — Bravo! que tal te parece? (rindo) Ah! ah! ah!

JULIO (erguendo-se) — Meu Deus! ouvir-nos-hiam?!

ADELAIDE — Ella e seu marido!

JOÃO DE CASTRO — Não te incomodes meu Julio, continua, continua... gosto de te ver comares de galan de comedia aos pes d'uma mulher... E' divertido! tens muito geito!... (a sua mulher) Por isso elle foge do bilhar e de ir á caça...

MARGARIDA (baixo a seu marido) — Essa ironia pode escandalisal-o.

JOÃO DE CASTRO — Achas que pode estimular-se?...

JULIO — Estava aqui apanhando as flores que vês espalhadas. (mostra-lhe as que já tem na mão)

JOÃO DE CASTRO — Ora faze-te exquisito...

JULIO (baixo a Margarida) — Fallava de si, Margarida, sinto que tão mal acolhesse o meu ramo de flores. (alto) Aonde ficou aquelle Cesar?

JOÃO DE CASTRO — Ganbei-lhe quatro partidas e lá ficou a bater-se n'uma guerra com Sebastião e José de Miranda.

JULIO — Perdendo e sempre teimando com o jogo. Se me dão licença, vou tambem entrar no combate, quero desforral-o (sae, depois de um comprimento a todos)

SCENA XIV.

OS MESMOS MENOS JULIO.

JOÃO DE CASTRO — E' realmente extrema a sua modestia... manifesta os seus melindres! Attende aos cavalheiros no jardim, em quanto que na sala se mostra sombria e triste, levantando raras vezes os olhos para a gente... Que te parece, Margarida?.. E' d'uma virtude extremamente sympathica esta menina...

ADELAIDE — Pode accusar-me quanto quizer, senhor João de Castro; se tivesse incorrido n'uma falta grave, procuraria justificar-me. A minha consciencia está tranquilla, e por tanto ouvirei resignada os seus epigrammas.

JOÃO DE CASTRO — Epigrammas, hein?... epigrammas... pungentes, não é verdade? (severo) Diga antes que abusa da franqueza com que a tratam, em vez de oppor essa mascara de ingenuidade, á evidencia dos factos que os mais testemunham.

MARGARIDA — Valha-me Deus! ainda que Adelaide estime o senhor Julio, que motivo ha de reprehensão? Não são ambos livres...

JOÃO DE CASTRO — Eu sei... Margarida, por causa da tua amiga, desculpas muito o senhor Julio...

MARGARIDA (á parte) — Ferem-me as suas palavras... um culpado cuida ver em tudo as provas do seu delicto!

JORGE (que entra) — O senhor Simão de Vasconcellos e sua filha a menina D. Christina, acabam de entrar no pateo.

JOÃO DE CASTRO — Corro ao seu encontro, vou recebê-los. (sae e Jorge segue-o)

SCENA XV.

ADELAIDE E MARGARIDA.

ADELAIDE — Ah! minha querida, as palavras de seu marido são golpes que me atravessam o coração.

MARGARIDA — Não menos me pungiram quando se referiu a Julio. A todo o instante me parecia vê-lo senhor do segredo, lançando-me em rosto justissimas recriminações.

ADELAIDE — Julio disse-me que a amava, mas affiançou-me que a não comprometteria, e a tudo se resolve, menos a abandonal-a, a deixar de a ver!

MARGARIDA — Pobre Julio! o amor não reflexiona nem calcula... mal sabe que um impossivel nos hade separar eternamente.

JOÃO DE CASTRO (dentro) — Por aqui... é por aqui...

ADELAIDE — Eis que chegam; não sei porque, mas essa D. Christina...

SCENA XVI.

OS MESMOS, SIMÃO, D. CHRISTINA E JOÃO DE CASTRO.

JOÃO DE CASTRO — Muito me alegram com esta visita. Margarida, o senhor Simão de Vasconcellos e a senhora D. Christina veem de proposito convidar-nos para uma reunião em sua casa depois d'amanhã. Passaremos uma noite muito agradável.

MARGARIDA (beijando Christina) — Tanto incommodo é realmente para agradecer. Agora tambem os intimo para almoçar e jantar hoje em nossa companhia.

SIMÃO — Não consinto, é excessivo incommodo. D. CHRISTINA — Sim, sim, papá; ficamos, minha senhora. N'esta vida da provincia passam-se as noites tão inspidas...

SIMÃO — Faça-se o que a menina quizer.

D. CHRISTINA — Ah! perdão! não tinha ainda reparado na sua amiga. Parece que se escondia de nós... (passa ao lado d'ella e falla-lhe baixo)

JOÃO DE CASTRO — Não se admire v. ex.^a, essa menina é d'um tal acanhamento.

MARGARIDA (a seu marido) — Basta de atormentar Adelaide; esses epigrammas emmudecem-na e affligem-n'a.

ADELAIDE (á parte) — Resignação e valor, meu Deus!

(Ouve-se susurro fora).

SIMÃO — Que é isto?

JOÃO DE CASTRO (indo em frente da entrada da propriedade) — Ora... são os meus amigos que voltam da partida do bilhar; provavelmente vem prevenir-nos de que o almoço está na mesa.

SCENA XVII.

OS MESMOS, SEBASTIÃO, JOSÉ DE MIRANDA, JULIO E CESAR.

SEBASTIÃO — Mais uma flor no rancho!

JULIO (á parte) — D. Christina!

SEBASTIÃO — Temos outra lindeta... este bom amigo capricha em nos apresentar cada anjinho...

JOÃO DE CASTRO — Aqui está, meu caro Simão de

Vasconcellos, este ingrato Julio que me foge ás partidas de caça e de bilhar para correr pelo jardim em busca das borboletas. . .

SIMÃO — E' um appetite excentrico! Quando tinha a sua idade, gostava mais de fazer outras conquistas.

D. CHRISTINA — O senhor Julio, segundo uma conversação que tivemos outro dia quando nos acompanhou a casa, é muito curioso. . . Parece-me que me disse ter uma linda collecção de insectos.

JULIO (a Christina) — Essas curiosidades são o meu unico entretenimento.

D. CHRISTINA — Então aprazem-lhe pouco os divertimentos da provincia? . . .

JULIO — Muito pouco.

D. CHRISTINA — Na sua idade, não é muito facil de acreditar. . .

MARGARIDA (para Adelaide) — Ouviste o que teem dito?

ADELAIDE — Não perdi uma palavra!

D. CHRISTINA — E nego-lh'a dizendo que não são esses momentos de ligeira distração são os que verdadeiramente aprecia!

JOÃO DE CASTRO — Se eu quizesse fallar. . .

ADELAIDE (a Margarida) — Meu Deus! serei ainda sua victima na presença de todos?

MARGARIDA (tocando no braço de seu marido) — Silencio!

D. CHRISTINA — Então v. s.^a ia dizendo. . .

JOÃO DE CASTRO — Que algum santo bom pede por elle. . . não era nada, minha senhora. . . uma tolice! quero dizer, uma raticice. . . uma raticice. . .

MARGARIDA (para Adelaide) — Não sei que presentimento vem agitar-me; Julio ama D. Christina!

ADELAIDE — Tambem o suspeito; os olhares que se trocam entre os dois. . .

D. CHRISTINA — O senhor João de Castro hade ser franco comigo, contando-me as aventuras de todos estes senhores. Quero registral-as no meu album.

SEBASTIÃO (á parte) — Ui! que é litterata!

ADELAIDE (a Margarida) — Parece ter ciúmes.

MARGARIDA — Não ha duvida, agora me recordo. . . nos saraua da semana passada, sempre buscava um pretexto para acompanhá-la.

ADELAIDE — N'um quarto de legua de caminho, quanto não terão fallado! . . .

JORGE (que entra) — Meu senhor, meu senhor, o mano de v. s.^a e o senhor Eduardo da Motta, acabam de chegar; veem aqui pelo lado do jardim.

JOÃO DE CASTRO — Fernando! que agradável noticia! Que venham depressa.

JORGE — Sim senhor. (sae)

JOÃO DE CASTRO — Ainda bem, a sociedade completa-se. Estou como quero; gente, mais gente, venha ainda mais gente!

SCENA XVIII.

OS MESMOS, FERNANDO E EDUARDO DA MOTTA.

EDUARDO — Ora vivam meus amigos! eis-nos de volta á provincia.

FERNANDO (abraçando seu irmão) — Não ha vida como a da capital. Se não recebesse a tua carta e ser tamanha a instancia dos teus rogos, de certo não viria ainda clausurar-me n'esta aldeola, que todavia encontro cheia de encantos e abrilhantada por uma elegante reunião.

JULIO — O nosso fugitivo! (abraçando Fernando) Vê tu, caro Cesar, como se ia esquecendo de nós.

CESAR — Ora, quem vive como Fernando tem o mau costume de se esquecer dos amigos ausentes. . . os bailes, as reuniões, os theatros. . .

EDUARDO — Justamente! os cafés, as reuniões. . . ha duas semanas diverti-me immenso no baile do ministro da Hollanda. Estive em Cintra nas melhores funcções da primeira aristocracia e antes de partir com Fernando, fui despedir-me do principe estrangeiro, chegado ha pouco, a quem me tinha apresentado o ministro de Baviera, e que vae brevemente deixar Portugal. Depois de tamanha convivencia n'esta esphera social, hão-de convir que é retrogrado sepultar-me aqui.

CESAR (a Julio) — Não engulo estas patranhas.

SEBASTIÃO — Conhece toda a gente!

D. CHRISTINA — N'esta pequena córte, se não encontrarem duquezas e princezas. . . hão-de achar rainhas que tomarão dominio em seus corações. . .

ADELAIDE (a Margarida) — Aquella turbação de Julio, condemna-o! Aquelles olhares. . .

JOÃO DE CASTRO — A senhora D. Christina tem razão. Anda, Julio, dá-lhe o teu braço. (alto) Approvam uma coisa?

Todos — O que é?

JOÃO DE CASTRO — Um triumpho! fazemos Julio e D. Christina os reis das nossas festas.

SIMÃO e CESAR — Apoiado! apoiado!

JOÃO DE CASTRO — Muito bem, então vamos ao almoço.

Todos — Ao almoço! ao almoço!

(Julio dá o braço a D. Christina, todos os seguem, excepto Margarida que se deixa ficar com Adelaide.)

ADELAIDE — Lá a vae conduzindo pelo braço, namorando os seus sorrisos!

MARGARIDA — O que são os homens! (nos braços de Adelaide) Seja ella ao menos feliz. . . já que eu sou tão desgraçada! Que vida a minha! Que me resta agora? . . .

ADELAIDE (beijando-a e apertando-a com transporte) — Na terra, a minha amizade! e Deus, no ceo!

(Cae o panno.)

Continua.

Uma mania como qualquer outra.

Cansado de folia, e de galhofa, —
Que o rir tambem enfada o coração, —
Deixei o tom jovial, o tom de mofa,
Quiz um dia chorar. . . por distração.

Dirão que foi loucura esta lembrança;
Não sei: talvez que não, talvez que sim;
Mas a variedade, e a mudança,
Se aos mais não é prazer, é para mim.

Quem tem de poeta o nome, ou tem a alcunha,
Dôres, magoas no peito sinto, ou não,
Deve a moda seguir da caramunha,
Porque é moda do tempo ser chorão.

Quiz chorar — da tristeza fui em cata,
Mas de meus olhos ella se escondeu. . .
Apenas vi chorando uma cascata,
Com pena. . . mas de quem não direi eu.

«Porque foges de mim, deusa *Lamuria*,
«Bordão, que tanto poeta sempre achou?
«Dá hoje de chorar pasmosa furia
«A quem de tanto rir já se cansou!»

Assim disse — com magoa não pequena
De não ver a meu riso um dia o fim. . .
Te nem pude chorar. . . vejam que pena!
Com quatro beliscões, que dei em mim.

«Irri! Quero chorar, porque os encantos
«Do doce, e amargo pranto não provei! . . .
«Heide chorar por força, heide ter prantos! . . .
«E, á força de cebola, então chorei.

Chorei — contra a alegria
Uma victoria alcancei,
E por todo aquelle dia
Muita tristeza cantei! . . .
Estes meus olhos de pargo
Em rios de pranto amargo
Quasi afogados senti! . . .
Por entre o veo da tristeza
Eu só via a natureza,
Tão risonha até ali.

Cantei sentidas endeixas
A uns olhos, que vi então,
Fiz versos a umas madeixas,
Onde achei doce prisão! . . .
Chorei da vida as procellas,

A maneira porque as bellas
Fazem os homens rivaes;
Chorei dôres, e mais dôres,
Chorei trahidos amores,
E chorei não sei que mais.

Então vi muitas donzellas,
De mais ou menos primor,
Ao ler minhas trovas bellas
Saltarem prantos d'amor.
Uma dizia: «coitado!
«Este poeta desgraçado
«Em mil prantos se desfaz;
«E, pelos cantos que solta,
«Alguna bella deu volta
«Ao miolo do rapaz!»

Outra vinha com carinhos
Mostrar-me album de primor,
E pedir-me uns versosinhos
Bem recheados d'amor,
Dizendo: «tenha paciencia. . .
«Como aprecio a cadencia
«Dos seus versos d'encantar. . .
«E' por isso que lhe peço
«Que me dê, se lh'os mereço,
«Versos, que façam chorar.

— Com que então, com esse encanto,
Vive submersa na dôr? . . .
Precisa uns versos de pranto? . . .
O seu album, faz favor.
E começo a choradeira,
Que nem uma carpideira
Me venderia a chorar. . .
Choro as dôres da donzella,
Faço um dueto com ella
De carpir, e soluçar.

Se via junto a uma esquina
Um janotinha do tom
A namorar a menina,
Que se ufana de ter dom,
D'antes ria; mas agora,
O meu coração deplora,
Ao som d'um suspiro e um ai,
A sorte do pobre moço,
Se, quando eleva o pescoco,
Prova a bengala do pae.

Ria d'antes, quando achava
As cartinhas de primor,
Onde não se acreditava
A orthographia d'amor;
Porém hoje, qual historia,
Desejo uma palmatoria
Como jámais se encontrou —
Do tamanho d'uma trolha, —
P'ra o pae, que não fez escolha
Nas mestras, que procurou.

Ria d'antes, quando via
Fidalgo parlapatão,
Com a sua fidalguia
Inchado como um pavão,
Hoje desculpo-lhe a asneira,
Tenho dó do parvalheira,
Que pretende figurar,
E digo compadecido:
Vão-lhe chamar o Polido,
Talvez se possa curar.

Até não amo a comedia,
Que eu amava a não ser mais,
E morro pela tragedia,
Que tem duzias de punhas! . . .
No prazer eu já não creio. . .
E' o meu prato do meio
A tristeza, a dôr carpir. . .
De magoas farei mil cantos. . .
Mas em se esgotando os prantos
O que farei? Torno a rir.

Julho, 11, 1859.

J. I. D'ARAUJO.